

COMPRIMIDO POÉTICO

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹

VIEIRA, Paulo. **Vieira nem beira**/Paulo Vieira. Belém: Amo Editora, 2021.

Acompanho a obra de Paulo Vieira com proximidade por conta de uma ligação originalmente circunstancial desde que ele fez o Mestrado em Agriculturas Familiares no mesmo Núcleo em que desenvolvi atividades acadêmicas na Universidade Federal do Pará, em Belém. Graduado como Engenheiro Florestal, mas com uma intensa atividade literária, conviveu com personalidades marcantes da intelectualidade paraense como o Professor Benedito Nunes e o poeta Max Martins, se fez reconhecido desde suas primeiras publicações. Depois de fazer o doutorado na área da literatura, na Universidade de São Paulo, consolidou uma carreira como professor e artista polivalente, embora seu viés tenha sido marcadamente o das letras, em particular a poesia e a prosa poética.

Nesse volume que nos apresenta traz uma seleção de sete livros publicados por premiações agregando quatro impactantes poemas inéditos. Seu trabalho é carregado de tensão e crítica, sem perder a leveza com que transita entre palavras e silêncios, mas fundamentalmente instigando à reflexão.

Leio Paulo Vieira sendo sempre surpreendido pelo seu estilo criativo, dramático, tenso no uso das palavras e na provocação dos sentimentos. Se tem uma coisa que ele sabe fazer muito bem é surpresas!

Nessa obra ele vem com a proposta de nos fazer ler poemas escolhidos por ele mesmo, no meu caso se tratando de reler e me surpreender com suas escolhas. É uma maneira inteligente de nos fazer revisitar a sua lavra de vinte anos publicada em livros muito bem produzidos e premiados ao longo de sua trajetória literária ainda em curso e já devidamente laureada.

Seja em verso, seja em prosa, Paulo Vieira nos conduz ao incômodo pensar o mundo e suas desigualdades. Muito bem elaborados, os poemas dele têm um acento selvagem, ou silvestre, agudizados por uma rebeldia que parece anteceder ou se antecipar à repressão, por isso mesmo devendo ser considerada irrepreensível.

A ordem cronológica é inversa, partindo dos então inéditos para os publicados por primeiro em 2004, ainda que elaborados desde 2002. Ao degustar cada porção escolhida pelo autor fiquei com a impressão de que todas nasceram maduras, ainda que em uma aqui e outra ali se possa experimentar a sensação de teste. Há períodos intensos de produção entre 2008 e 2011, outros menos com uma lacuna com início em 2004 e fim em 2008, e de novo retomando com Belebrada (2019) e inéditos (2021). Que segredos há nessa temporalidade? Há critérios nessas escolhas?

Os quatro inéditos trazem a marca orvalhada de sangue do Xingu e toda a violência transpirada do que se observa na região conhecida pelo corte da Rodovia Transamazônica e a implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. O poeta sofre e expressa sua dor em versos que protestam contra a desumanidade que vem a título de progresso, desenvolvimento e outros eufemismos que se impõem sequestrando o verdadeiro sentido da catástrofe que ali se instala...

“...do lado de cá, a barragem
cinturão de concreto
estrangula o xingu

¹ Professor associado do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br

na volta grande
pedras pedras pedras
são o cinza esqueleto de um defunto
antes verde rio em corredeira” (página 21).

Normalmente leio livros de uma só vez, anotando e fazendo apropriações em resenhas que, não raro, publico ou ofereço aos autores que me são acessíveis. No caso dessa coletânea paulovieirina usei da homeopatia por exigências que esclareço. Alguns casos e poemas me sensibilizaram muito como "Café com leite" nas páginas 67 e 68, extraída de "Pesovero" de 2011. É de uma precisão cirúrgica na descrição de mulheres mães solteiras que criam filhos pequenos com o auxílio de outros filhos ainda imberbes. É um caso emblemático e que representa muitas mulheres em uma sociedade perversa, cruel e injusta. Representa também crianças que amadurecem no cuidado de seus irmãos menores. Ao ler esse conto fiquei com um nó na garganta durante dias, até conseguir voltar à continuação da leitura...

Na página 84 e 85, "O primeiro dia de aula" do "Livro para distração na tragédia" o conto vale mais para o pai que se reedita com uma vingança do seu próprio e traumático primeiro dia de aula fugindo com o filho para não o fazer chegar à escola.

O mesmo "Livro para distração na tragédia" é preenchido de comicidade em casos verossímeis de assaltos, linchamentos, cumplicidades com os ladrões e personagens prováveis pela humanização que faz deles e dos policiais que estão bem distantes das tragédias narradas. Vem eivado de uma linguagem irônica e de um humor machadiano, ou nelsonrodrigueano, em todas as tragicômicas histórias em forma de contos.

Belebrada é rebuscada na memória e no registro de vivências formatadoras de uma lavra poética espriada em sensibilidade, reflexão e contemplação. É o mais extenso conjunto, com 29 poemas dos quais destaco o esforço em descrever sua “Arte Poética”, na página 35:

“se correr o bicho persegue
se ficar ele consome
escrever é isso – à sorte entregue –
que a arte, como a morte, é infame.”

Em todos os conjuntos selecionados há presença explícita da morte, como em “Casadoiro”, na página 71, extraído de “Retruque”:

“esta solteira arte comigo
nasceu da morte,
nem por isso a tenho
como a um amigo
e custa ao fio de cobre,
a cada novo corte, me cerzir sozinho...”

Em quatro dos sete livros a figura do palhaço se projeta, mas humor e comicidade se manifestam em todos eles. É o lado performer do artista, denso na crítica, disfarçando a acidez com incitamentos ao riso e à reflexão, sempre. Destaco a associação entre esses dois entrelaçados e recorrentes temas citados (morte e palhaços) em "Orquídeas anarquistas" (2007), na página 129:

“SALTIMBANCO A SALVO

à mercê da morte em dia de circo

a tendazul se ergue desgraçadamente
no centro das chamas
o amor sobre pernas de pau”.

Do “Livro para pescaria com linha de horizonte” o mais expressivo me parece o poema que está na página 113, encerrando esse conjunto de escolhas dessa obra, sob o título de “Manual...” traduzindo em lindos conselhos como transitar nos mágicos campos da poesia.

- “1.
pegar uma luanzol de prata (a mais minguante)
 2. retirar a linha do horizonte com as mãos, delicada, muito delicadamente, para não entornar o crepúsculo na camisa da noite
 3.
colocar o luanzol de prata na ponta da linha de horizonte
 4. não carece isca, a luanzol seduz sozinha
 5. não lançar ao mar ou rio a linha para pescaria. lançá-la para o céu
 6.
esperar até fisgar a estrela mais gorda e branca
 7. lembrar que estrela não é peixe de carne. Estrela é peixe de luz.
 8. e que mesmo fisgada, a estrela não morre, não asfixia, ou sente dor. Ao contrário, a estrela dança feliz feito um brinco na orelha do vento
ah eu já ia me esquecendo!
 9.
lembrar de devolver a linha de horizonte após a pescaria, senão o dia não vai amanhecer”.
- E para encerrar com o começo em “Infância Vegetal”, pinço da página 154, a derradeira do livro, o dialético conselho:
“deixe tudo o que parece eterno mas é breve
E cuida de tua matéria
(o que parece breve não o é)”.

Considero que ainda há muito a se descobrir em Paulo Vieira, principalmente no que ele ainda vai nos mostrar ao longo de sua carreira que vai se adiantando em uma sequência de livros, poemas, vídeos, performances e aulas ministradas desde o Campus da Universidade Federal de Altamira, onde está lotado, passando pelas extensões nos municípios da Transamazônica no Sudoeste do Pará e vez por outra na capital do Estado, nos lançamentos e eventos em que o poeta tem se envolvido como voluntário ou convidado. Fiquemos atentos por que aí vem coisa boa!